

O NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS (NEABIS) E A VALORIZAÇÃO DOS SABERES DOS POVOS BERADEIROS NO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA (IFRO)¹

Mônica do Carmo Apolinário de Oliveira²
Marcel Emeric Bizerra de Araujo³
William Kennedy do Amaral Souza⁴

Resumo

Em Rondônia, os rios Guaporé, Mamoré e Madeira fazem a divisa do estado com a Bolívia, onde habitam populações *beradeiras* cujo modo de vida é fruto da miscigenação entre indígenas, quilombolas e migrantes, principalmente nordestinos que chegaram à região durante o ciclo da borracha. Incentivamos discentes do IFRO a compreender o modo de vida desses povos. Parte do resultado dos estudos foi a produção de um vídeo, apresentado no final deste texto..

Palavras-chaves: beradeiros; cultura; modo de vida.

EL NÚCLEO DE ESTUDIOS AFROBRASILEÑOS E INDÍGENAS (NEABIS) Y LA VALORIZACIÓN DE LOS CONOCIMIENTOS DE LOS PUEBLOS BERADEIROS EN EL INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA (IFRO)

Resumen

En Rondônia, los ríos Guaporé, Mamoré y Madeira marcan la frontera del estado con Bolivia, donde habitan poblaciones «beradeiras» cuyo modo de vida es fruto del mestizaje entre indígenas, quilombolas y migrantes, principalmente procedentes del noreste, que llegaron a la región durante el ciclo del caucho. Animamos a los alumnos del IFRO a comprender el modo de vida de estos pueblos. Parte del resultado de los estudios fue la realización de un vídeo, que se presenta al final de este texto.

Palabras clave: beradeiros; cultura; modo de vida.

THE CENTER FOR AFRO-BRAZILIAN AND INDIGENOUS STUDIES (NEABIS) AND THE VALORIZATION OF THE KNOWLEDGE OF THE BERADEIROS PEOPLE AT THE FEDERAL INSTITUTE OF RONDÔNIA (IFRO)

Abstract

In Rondônia, the Guaporé, Mamoré, and Madeira rivers form the state's border with Bolivia, where Beradeira communities live—a way of life that is the result of the intermingling of Indigenous peoples, Quilombolas, and migrants, primarily from the Northeast who arrived in the region during the rubber boom. We encourage IFRO students to understand the way of life of these peoples. Part of the outcome of these studies was the production of a video, which is presented at the end of this text.

Keywords: beradeiros; culture; way of life.

¹ Ensaio recebido em 12/06/2026. Aprovado em 19/07/2026. Publicado em 28/07/2026.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v24i54.72532>

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista. Professora no Instituto Federal de Rondônia. Email: monica.oliveira@ifro.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7101240616054654>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5165-7211>.

³ Doutor em Agronomia e Sistemas de Produção pela Universidade Estadual Paulista. Professor no Instituto Federal de Brasília. Email: marcel.araujo@ifb.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7135812811807570>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6238-5477>.

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professor no Instituto Federal de Rondônia. Email: william.souza@ifro.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0703023274968708>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6271-9422>.

Introdução

As transformações no mundo do trabalho, intensificadas pela lógica contemporânea do capitalismo tem produzido novas formas de precarização da vida social e ampliado desigualdades históricas, especialmente entre populações que vivem à margem dos grandes centros urbanos e das políticas públicas estruturantes. No contexto amazônico, essas desigualdades tornam-se ainda mais evidentes entre comunidades tradicionais, em que as relações com o trabalho, o território e a sobrevivência não se encaixam nos modelos hegemônicos de produção e desenvolvimento.

Nesse cenário, discutir trabalho e educação exige reconhecer que os processos formativos não podem estar dissociados da realidade concreta dos sujeitos históricos. A escola, que frequentemente é organizada segundo parâmetros burocráticos e mercadológicos, inclina-se a reproduzir formas de exclusão, invisibilizando experiências, culturas e saberes de grupos sociais subalternizados. Em contraposição, práticas educativas críticas vinculadas à realidade social tornam-se instrumentos de resistência, criticidade, denúncia e valorização da diversidade humana.

É nesse contexto que se insere a importante atuação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), campus Vilhena, como espaço de reflexões e ações educativas voltadas para as relações étnico-raciais amazônicas. No IFRO, todo campus tem um NEABI. Os núcleos são compostos por servidoras e servidores, por discentes e conta com membros da comunidade externa. O NEABI tem a finalidade de contribuir, no âmbito da instituição e em suas relações com a comunidade externa, na implementação da Lei nº 11.645/2008 que instituiu a obrigatoriedade de incluir no currículo oficial da rede de ensino a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, e fortalecimento da Lei nº 12.288/2010 - Estatuto da Igualdade Racial.

Visando a participação na I Olimpíada Brasileira de Sociologia, que aconteceu entre março e junho deste ano, docentes das chamadas Ciências Humanas (que também são membros do NEABI), estimularam alunas e alunos para montarem equipes. Critério definidor para a participação na Olimpíada era a produção de um vídeo em que se explicitasse a relação do nome da equipe com a Sociologia.

Ana Livia, Ariane e Victor, estudantes do 3º A do curso de Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, realizaram uma grande pesquisa sobre temas e aspectos culturais do nosso estado e definiram o nome de sua equipe como *Beradeira*. E, a partir desse nome, realizaram o vídeo intitulado de **“Povos beradeiros: no NEABI / IFRO, a sociologia é nosso rio”**⁵.

Em Vilhena, cidade em que as/os discentes estudam, não há rios e, conseqüentemente, não há beradeiras(os). Entretanto, a autora e os autores desse ensaio são vinculados aos movimentos sociais do campo, das águas e das florestas, mantendo parcerias com comunidades ribeirinhas. Assim, colocamos os estudantes em contato (ainda que virtualmente) com beradeiras e beradeiros. A partir dessa interação, Ana Livia, Ariane e Victor criaram o roteiro, coletaram imagens e produziram o vídeo que, mesmo sem grande aparato técnico, expressa a necessidade de olharmos para aqueles e aquelas que estão à margem da sociedade. Ressaltamos que o vídeo só foi publicado depois da consulta e aprovação das beradeiras e beradeiros que outrora haviam interagido com os discentes.

Entendemos que essa experiência pedagógica constitui um importante exemplo de articulação entre trabalho, educação e identidade cultural. Os povos beradeiros são comunidades tradicionais da Amazônia que vivem nas margens dos rios (as "beiras"). Eles são fruto de uma histórica miscigenação entre indígenas, quilombolas e migrantes, principalmente nordestinos que chegaram à região durante o Ciclo da Borracha e que atuam no extrativismo florestal.

Ao investigar as condições de vida das populações ribeirinhas amazônicas, os estudantes passaram a compreender como o trabalho tradicional se organiza em estreita relação com o ambiente, a ancestralidade e as dinâmicas de sobrevivência coletiva.

Este ensaio busca refletir sobre a relação entre trabalho e educação a partir dessa experiência, analisando o papel do NEABI como espaço de formação crítica, valorização de saberes tradicionais e enfrentamento às formas de invisibilização impostas pela lógica capitalista.

E, aproveitamos para convidar os/as leitores e leitoras para assistirem ao vídeo cujo link segue no final do texto.

⁵ O vídeo foi roteirizado, dirigido e produzido por Ana Livia, Ariane e Victor, estudantes do 3º A do curso de Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. As alunas e o aluno também são membros do NEABI, campus Vilhena.

Trabalho e educação no contexto da barbárie contemporânea

As transformações recentes do capitalismo têm provocado mudanças profundas nas relações de trabalho, marcadas pela flexibilização, informalidade, precarização e desproteção social. O avanço tecnológico, a automatização e a lógica produtivista alteraram não apenas as formas de produção, mas também os sentidos atribuídos ao trabalho humano.

Gaudêncio Frigotto nos auxilia a compreender que o trabalho, no capitalismo contemporâneo, deixou de representar apenas meio de subsistência para tornar-se também espaço de intensificação da exploração. Para o autor, a educação é constantemente apropriada como mecanismo de ajuste às exigências e necessidades do mercado, subordinando a formação humana às demandas produtivas do capital. Nesse sentido, “a educação escolar tende a ser organizada para atender às necessidades da reprodução ampliada do capital” (Frigotto, 2010, p. 24).

Na mesma ótica, István Mészáros reforça a crítica ao afirmar que a educação institucionalizada, na maioria das vezes, atua para consolidar as estruturas sociais existentes, ao invés de transformá-las. Para este autor, “a educação formal não é a força ideologicamente primária que consolida o sistema do capital; tampouco ela é capaz, por si só, de fornecer uma alternativa emancipadora” (Mészáros, 2008, p. 45).

Na perspectiva do materialismo histórico-dialético, o trabalho constitui elemento central da existência humana, pois é por meio dele que o sujeito produz a vida material e transforma a realidade. Em Karl Marx, o trabalho aparece como categoria fundante da existência social, uma vez que é por meio dele que o ser humano transforma a natureza e, ao mesmo tempo, se transforma. Marx considera que “antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza” (Marx, 2013, p. 255), destacando sua dimensão ontológica e histórica. Contudo, no capitalismo, o trabalho perde seu caráter emancipador e passa a ser constituído por relações de exploração e alienação.

Nessa conjuntura, a educação assume uma função contraditória. Ao mesmo tempo em que pode contribuir para a reprodução da ordem social vigente, também pode tornar-se espaço de formação crítica e resistência. A escola, frequentemente orientada por políticas gerencialistas e currículos fragmentados, volta-se a reforçar a lógica do mercado. Entretanto, experiências pedagógicas comprometidas com a justiça social e com a identidade cultural podem tensionar essa estrutura, permitindo

que estudantes compreendam as desigualdades e construam novas formas de interpretação da realidade.

Povos beiradeiros: trabalho, território e invisibilidade social

Art. 1. Todo Beradeiro e toda Beradeira têm direito de tomar açai — de preferência com farinha d'água.

Art. 2. Direito à água de rio — de ir prum banho e lavar a alma.

Art. 3. Direito à cultura e à arte.

Art. 4. Direito de comer peixe (assado, frito ou cozido).

Art. 5. Direito à banana frita (e de dar uma banana pra quem quer acabar com sua vida).

Art. 6. Direito ao tucumã (e de dar tucumanzada em conversa atravessada).

Art. 7. Direito ao bodó com café. Direito ao chibé da fé.

Art. 8. Direito à hora da merenda (pra que nenhum curumim nem cunhã passe fome).

Art. 9. Direito ao pensamento tribal (nosso quintal é global, mas eu sou regional).

Art. 10. Direito à memória, justiça, liberdade, livros e escola.

TEJE DECLARADO!

(Béra Aklias. Declaração Universal dos Direitos Humanos Beiradeiros).⁶

As desigualdades produzidas pelas relações capitalistas de trabalho não se restringem ao âmbito econômico, ampliam-se e estruturam-se na organização desigual dos territórios e no acesso diferenciado aos bens ambientais. Nesse contexto, populações tradicionais passam a ocupar posições vulnerabilizadas frente aos projetos de desenvolvimento, tornando-se alvo de processos e mecanismos de exclusão social e ambiental.

A discussão sobre território e desigualdade social, visualizadas na produção audiovisual dos estudantes, encontra respaldo nas contribuições de Henri Acselrad, que compreende o território como espaço de disputa política e produção de injustiças ambientais. Para esse autor, populações tradicionais frequentemente sofrem processos de invisibilização e deslocamento em nome de projetos econômicos hegemônicos. Segundo Acselrad, “a desigualdade ambiental se expressa na distribuição desigual dos riscos e danos produzidos pelo desenvolvimento” (Acselrad, 2009, p. 25).

⁶ Aqui reproduzimos apenas os caputs.

Imagem 1: Composição produzida a partir das imagens do vídeo produzidos pelos estudantes.



No âmbito amazônico, Carlos Walter Porto-Gonçalves nos leva a compreender que a Amazônia não pode ser reduzida a uma visão homogênea de floresta ou reserva de recursos. Para ele, existem múltiplas Amazônias, constituídas por sujeitos, territórios e modos diversos de vida: indígenas, quilombolas, extrativistas, pequenos produtores rurais. Gonçalves argumenta que “a Amazônia é plural, formada por povos, culturas e territorialidades distintas” (Porto-Gonçalves, 2001, p.23), permitindo compreender os povos beiradeiros como sujeitos históricos que produzem conhecimento e formas próprias de organização social.

As populações beradeiras da Amazônia vivem uma relação direta com os rios, que funcionam simultaneamente como espaço de moradia, caminho para deslocamento e circulação, lugar onde se produz alimentação e local de trabalho. O cotidiano desses povos é organizado por atividades como pesca artesanal, agricultura de subsistência, extrativismo e pequenas práticas comerciais vinculadas à dinâmica fluvial.

Ao contrário da lógica capitalista urbana, o trabalho entre os povos ribeirinhos não se reduz apenas à dimensão econômica. Está profundamente ligado à coletividade, à relação simbólica com a natureza e à memória ancestral. O rio não é apenas recurso natural; constitui território, identidade e parte central do modo de vida.

No entanto, essas populações frequentemente permanecem invisibilizadas pelas políticas públicas e pelas narrativas oficiais de desenvolvimento. O isolamento geográfico, somado à ausência de investimentos estruturais, evidencia como

determinadas populações são colocadas à margem dos direitos sociais. A precariedade no acesso à educação, saúde, saneamento e transporte reforça condições históricas de exclusão.

O vídeo produzido pelos estudantes demonstra justamente essa realidade. As imagens de moradias simples erguidas às margens dos rios, a relação cotidiana com a água, o deslocamento por pequenas embarcações evidencia uma organização social marcada pela resistência e pela adaptação às condições ambientais. Mais do que retratar uma paisagem, o material audiovisual apresenta formas de vida que desafiam e resistem ao modelo urbano-industrial dominante.

O NEABI como espaço de formação crítica e educação emancipadora

Ao refletir sobre o papel da escola, concordamos com Dermeval Saviani, ao afirmar que a educação não pode ser compreendida isoladamente, mas articulada às relações sociais e culturais de produção. Para o autor, a escola desempenha papel contraditório: reproduz desigualdades, mas também pode contribuir para sua superação. Saviani destaca que “a educação é determinada pela sociedade, mas também reage sobre ela” (Saviani, 2008, p.144), indicando seu potencial transformador quando articulada a projetos e práticas emancipatórias.

Sob a perspectiva histórico-cultural de Lev Vygotsky, a aprendizagem não ocorre de maneira isolada, mas por meio das interações sociais e das mediações culturais. O conhecimento é produzido nas relações entre sujeitos, linguagem e contexto histórico. Deste modo, a experiência promovida no âmbito das ações desenvolvidas na disciplina de sociologia no âmbito do NEABI possibilitou que os estudantes construíssem conhecimento a partir da realidade concreta amazônica, articulando vivência, investigação e análise crítica.

Nesse sentido, o NEABI pode ser entendido como espaço contra hegemônico dentro da instituição escolar, pois amplia o debate sobre raça, território, trabalho e desigualdade, tensionando os limites da educação tradicional.

Os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABIs) desempenham papel estratégico na construção de práticas pedagógicas voltadas à valorização da diversidade étnico-racial, dos saberes tradicionais e das identidades historicamente marginalizadas. No contexto dos Institutos Federais, esses núcleos ampliam a função

social da educação ao promover debates sobre desigualdade, racismo estrutural, direitos humanos e inclusão.

No IFRO Campus Vilhena, a experiência desenvolvida demonstra como o NEABI pode atuar para além de atividades pontuais, tornando-se articulador de processos formativos críticos. A proposta de estudar a vida dos povos beiradeiros possibilitou aos estudantes estabelecer conexão entre teoria e realidade social, aproximando o conhecimento acadêmico das experiências concretas das populações amazônicas.

A produção audiovisual como metodologia pedagógica amplia a participação estudantil e fortalece práticas investigativas. Ao produzir o vídeo, os estudantes deixaram de ocupar apenas a posição de receptores de conteúdo para assumir o papel de pesquisadores e narradores da realidade. Essa mudança desloca a educação de uma perspectiva bancária para uma experiência dialógica, baseada na construção coletiva do conhecimento.

Além disso, o trabalho realizado evidencia a importância de inserir nos currículos escolares discussões sobre grupos sociais historicamente invisibilizados. Quando a escola reconhece a legitimidade dos saberes tradicionais, rompe com a ideia de que apenas o conhecimento científico ocidental possui valor.

Trabalho, identidade e educação: reflexões a partir da experiência pedagógica

A experiência pedagógica desenvolvida na disciplina de Sociologia no âmbito das reflexões fomentadas pelo NEABI do IFRO Campus Vilhena evidencia que a relação entre trabalho e educação ultrapassa abordagens estritamente econômicas ou profissionalizantes. Ao investigar a realidade dos povos beiradeiros, os estudantes foram convidados a compreender o trabalho como categoria histórica, social e cultural, diretamente vinculada à constituição das identidades coletivas e às formas de pertencimento territorial.

No caso das populações ribeirinhas amazônicas, o trabalho não se reduz à produção de mercadorias ou à inserção em relações formais de emprego. Trata-se de um trabalho profundamente articulado ao cotidiano comunitário/coletivo, às dinâmicas familiares, à sazonalidade dos rios e à transmissão de conhecimentos tradicionais. Pescar, plantar, deslocar-se por embarcações, construir moradias e organizar práticas

coletivas de sobrevivência são atividades que expressam não apenas produção material, mas também produção simbólica e cultural.

Imagem 2: Equipe de estudantes do IFRO campus Vilhena que produziram o vídeo



Ao observar e analisar essas práticas, os estudantes ampliam sua compreensão sobre o conceito de trabalho, deslocando-se da ideia restrita de emprego urbano-industrial para reconhecer formas diversas de produção da vida. Esse movimento pedagógico contribui para romper com visões homogêneas de desenvolvimento, frequentemente associadas a modelos capitalistas que desconsideram modos de vida tradicionais.

Sob a perspectiva marxiana, o trabalho constitui mediação entre ser humano e natureza, permitindo que os sujeitos produzam suas condições materiais de existência. Contudo, quando analisado no contexto amazônico, o trabalho também assume dimensão territorial e identitária, pois está associado à permanência no espaço, à memória coletiva e à relação comunitária. Essa compreensão permite identificar que os povos beiradeiros não apenas trabalham em um território, mas produzem sua própria existência por meio dele.

A experiência educativa desenvolvida pelos estudantes revela ainda que o conhecimento não se constrói exclusivamente nos espaços formais da escola. Ao produzir o vídeo, entrevistar, observar e interpretar o cotidiano das populações ribeirinhas, os estudantes passaram a reconhecer outras formas de saber, historicamente invisibilizadas pelos currículos tradicionais. Esse reconhecimento

dialoga com perspectivas críticas da educação, que defendem a valorização dos saberes populares e a ampliação das possibilidades de leitura do mundo.

Para Valentin Volóchinov, toda linguagem é socialmente situada e carregada de valores ideológicos. Os discursos não são neutros, mas refletem disputas históricas e posições sociais. Nesse sentido, a produção audiovisual realizada pelos estudantes não apenas descreve a realidade dos povos beiradeiros, mas constitui uma forma de enunciação social que disputa visibilidade e reconhecimento para sujeitos historicamente marginalizados.

Nesse processo, a produção audiovisual assume papel relevante como ferramenta metodológica e como mecanismo de apropriação do conhecimento. O vídeo não apenas registra uma realidade social, mas produz uma linguagem narrativa, interpretação e posicionamento crítico. A escolha de imagens e recortes do cotidiano traduz um processo de mediação pedagógica no qual os estudantes deixam de ser apenas receptores de conteúdo para tornarem-se sujeitos ativos da produção do conhecimento.

A articulação entre trabalho, identidade e educação também se expressa na dimensão ética da experiência pedagógica. Ao conhecer as condições de vida dos povos beiradeiros, os estudantes são provocados a refletir sobre desigualdades, privilégios e ausências históricas das políticas públicas. A educação, nesse sentido, deixa de operar como simples mecanismo de reprodução institucional e passa a atuar como instrumento de compreensão social e formação política.

Além disso, a proposta pedagógica desenvolvida reafirma a importância de uma educação territorializada, capaz de dialogar com os sujeitos e contextos amazônicos. A escola, quando reconhece as especificidades locais, contribui para romper com a lógica universalizante que frequentemente oculta experiências regionais e tradicionais.

A experiência analisada demonstra que às ações do NEABI, pode favorecer práticas educativas críticas, comprometidas com a justiça social e com o reconhecimento da diversidade racial e cultural amazônica. Mais do que uma atividade disciplinar, o estudo sobre os povos beiradeiros torna-se oportunidade de construção de consciência histórica, permitindo aos estudantes compreenderem as relações entre trabalho, raça, desigualdade, território e resistência. Ao relacionar a vida dos povos ribeirinhos às discussões sobre trabalho, os estudantes compreendem que existem

diferentes racionalidades sociais e econômicas, muitas vezes incompatíveis com a lógica produtivista do capitalismo contemporâneo. Essa percepção amplia o repertório crítico dos sujeitos e fortalece processos educativos voltados à emancipação humana.

Para continuar pensando

Discutir trabalho e educação no contexto amazônico exige reconhecer as múltiplas formas de existência que desafiam os modelos hegemônicos de organização social. A experiência desenvolvida pelo NEABI do IFRO Campus Vilhena demonstra que práticas pedagógicas comprometidas com a realidade local possuem potencial para ampliar a consciência crítica dos estudantes e fortalecer processos educativos emancipatórios.

Ao investigar a vida dos povos beiradeiros, os/as estudantes não apenas produziram um material audiovisual, mas também construíram um olhar mais sensível sobre as desigualdades, os territórios e os modos de vida invisibilizados. O trabalho pedagógico realizado reafirma que a escola pode tornar-se espaço de resistência, desde que esteja comprometida com a valorização da diversidade e com a crítica às estruturas que produzem exclusão.

Assim, o NEABI assume papel fundamental ao tensionar os limites da educação tradicional e promover experiências que aproximam conhecimento acadêmico, cultura e justiça social. Em tempos marcados pela precarização do trabalho e pela intensificação das desigualdades, iniciativas como essa reafirmam a importância de uma educação comprometida com a transformação social.

Abaixo, deixamos o link para o acesso ao vídeo.

https://youtube.com/shorts/XZInU_tv05s?si=IEPKKNMPokA-eKgG

Título	Povos beradeiros: no NEABI / IFRO a sociologia é nosso rio.
Sinopse	Ao investigar as condições de vida das populações ribeirinhas amazônicas, compreende-se como o trabalho tradicional se organiza em estreita relação com o ambiente, a ancestralidade e as dinâmicas de sobrevivência coletiva. Os povos beradeiros são comunidades tradicionais da Amazônia que vivem nas margens dos rios (as "beiras"). Eles são fruto de uma histórica miscigenação entre indígenas, quilombolas e migrantes, principalmente nordestinos que chegaram à região durante o Ciclo da Borracha e que atuam no extrativismo florestal.
Direção	Ana Livia, Ariane e Victor, estudantes do IFRO, campus Vilhena.
Roteiro	Ana Livia, Ariane e Victor, estudantes do IFRO, campus Vilhena.

Produção	Ana Livia, Ariane e Victor, estudantes do IFRO, campus Vilhena.
Elenco	Ana Livia, Ariane e Victor, estudantes do IFRO, campus Vilhena.

Referências

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é justiça ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2009. (Coleção Primeiros Passos, 367).

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATOS, Naylane Araújo; SILVA, Samuel Pessoa da (Org). **Beradeiragem**. Porto Velho: Editora IFRO, 2025.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 16. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.